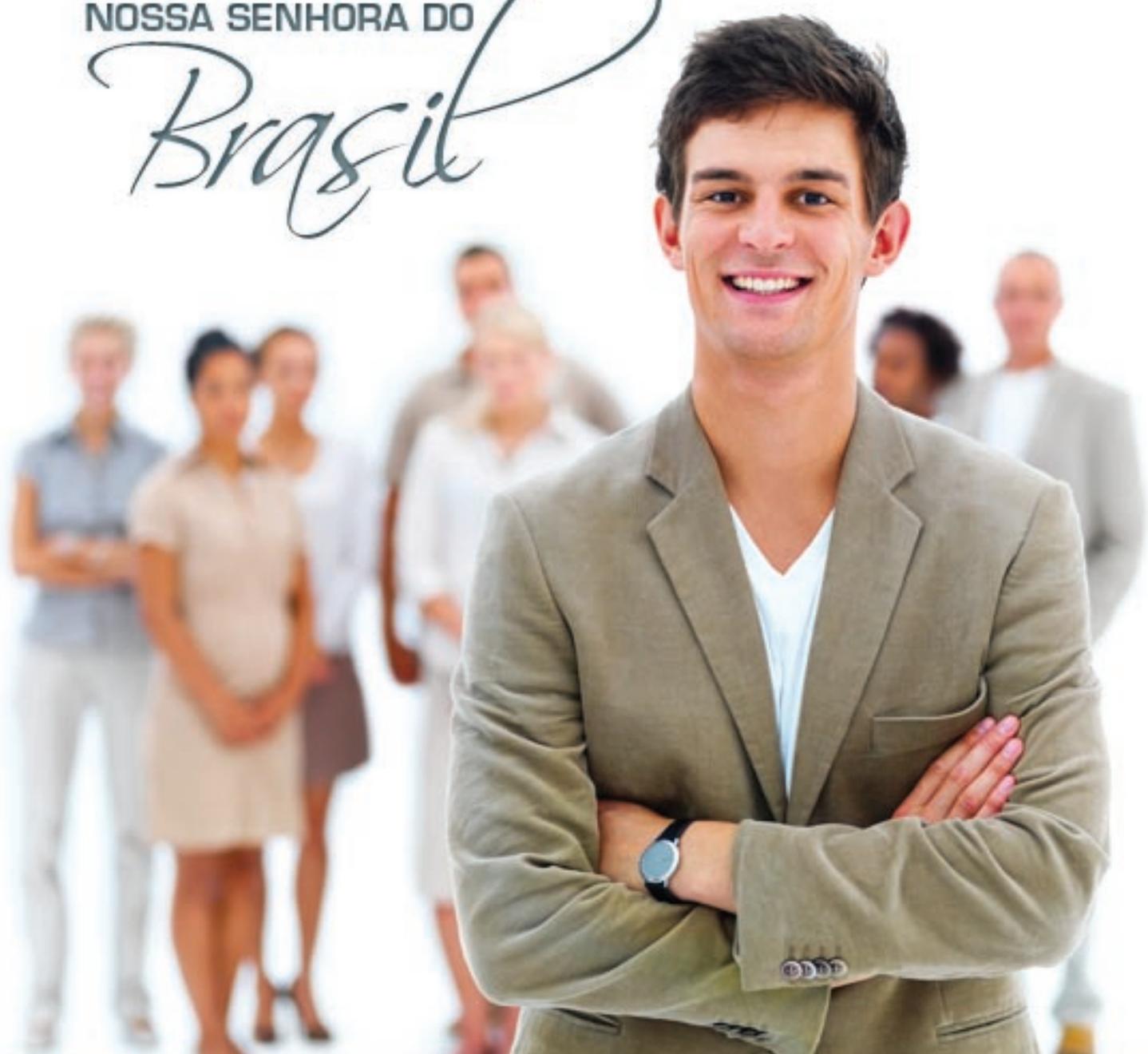


Nunca é tarde para recomeçar

Iniciação Cristã para Adultos

PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DO

Brasil



Apostila 1

Iniciação Cristã de Adultos - 2010

AULA 01

Paróquia Nossa Senhora do Brasil

Observações Preliminares

- Esta apostila foi redigida por ocasião do Curso de Iniciação Cristã de Adultos da Paróquia Nossa Senhora do Brasil. Sua estrutura em 13 aulas responde à demanda desse curso para o segundo semestre de 2010.
- Após cada resumo de aula, consta a bibliografia básica:
- **Catecismo da Igreja Católica (CIC)**: as citações do Catecismo se fazem conforme divisão em parágrafos do total de 2865 em que está dividido;
- **Compêndio do Catecismo da Igreja**: contém o mesmo conteúdo do CIC, mas em formato resumido e dividido segundo perguntas e respostas.
- **Fé Explicada**, Editora Quadrante, Autor: Leo Trese - 10a Edição.
- Ao final de cada resumo de aula há *Leituras Complementares*: são textos de autores consagrados que aprofundam em algum aspecto do tema tratado na aula.
- Comentários, correções e sugestões sobre esta Apostila podem ser enviados para: gustavojc@gmail.com

PARTE I - A profissão de fé

Aula 01 - Deus, a revelação e a resposta do homem

Vivemos numa época em que a busca pelas diversas formas de religiosidade evidenciam a abertura de muitas pessoas ao transcendente. CIC 44: “O homem é, por natureza e vocação, um ser religioso. Vindo de Deus e caminhando para Deus, o homem não vive uma vida plenamente humana senão na medida em que livremente viver a sua relação com Deus”.

No entanto, o clima de relativismo em que estamos imersos não busca valorar as diferentes formas de religiosidade e crenças segundo critérios de verdade, mas antes faz pensar que são equivalentes, sendo apenas o querer e o ‘sentir-se bem’ das pessoas o critério de escolha entre uma crença ou outra.

Diante desse problema, é preciso colocar o problema de Deus, do conhecimento que podemos ter dEle, em bases firmes. O CIC mostra que temos acesso a ‘provas da existência de Deus’ no mundo e no homem (cfr. CIC 31-35). Esse é um movimento do homem em direção a Deus, através da capacidade que o próprio Deus deu ao homem, do qual o homem não pode se esquivar (cf. Leitura Complementar ‘Creio em Deus’).

A tradição judaico-cristã, no entanto, caracteriza-se por um conhecimento de Deus que Se revelou ao homem. Esse movimento de Deus em direção ao homem permitiu ao homem um conhecimento muito acima das suas capacidades sobre as verdades fundamentais: sentido da vida, da morte, a busca da felicidade e a distinção entre o moralmente certo e o errado. Esse é o grande diferencial da tradição judaico-cristã com relação às demais religiões e o porquê podemos confiar plenamente no seu conteúdo, pois sua garantia de veracidade se funda no testemunho do próprio Deus.

A Revelação de Deus começa em nossos primeiros pais e culmina na vinda do Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo e no envio do Espírito Santo. Nosso Senhor fez e ensinou muitas coisas e com sua morte na Cruz, nos redimiu e nos ganhou todas as graças. Para dar continuidade à sua obra redentora e aplicar seus méritos a todas as pessoas que viriam ao longo da história, garantiu que a assistência do Espírito Santo na Igreja estabelecida com os apóstolos, liderados por Pedro, seria uma realidade que os guiaria ‘em toda a verdade’ (cfr. Jo 16, 13).

É interessante entender as etapas da revelação (cfr. CIC 54-73) e como se transmitiu até nós, pela Tradição Apostólica e pela Sagradas Escrituras (cfr. CIC 74-141). A Sagrada Escritura e a Tradição derivam da mesma fonte e estão compenetradas. Ignorar a tradição, como o fazem certas igrejas protestantes, é ignorar

o próprio contexto em que nasceram os livros do Novo Testamento e as promessas de continuidade que Cristo fez à Igreja nascente. Para um bom entendimento das Escrituras é importante diferenciar o contexto dos diferentes períodos históricos em que surgem os livros, as intenções e estilos dos autores e a linguagem empregada. O CIC explica isso nos pontos 101-141. A Constituição Dogmática Dei Verbum explica que “A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada naquele Espírito em que foi escrita” (cfr. DV 12).

O homem, diante da revelação, precisa prestar o consentimento da fé, que não exclui igualmente o uso da razão. A fé se fundamenta nos motivos de credibilidade (a sublimidade da doutrina, a história da Igreja e o testemunho dos mártires), mas principalmente na autoridade de Deus, que não pode enganar-se nem nos enganar, e nos milagres de Cristo (cfr. CIC 142-184). A razão, por sua vez, busca esclarecer os mistérios da fé. São dois meios que não podem se contradizer, pois o Deus que nos criou e nos fez racionais é o mesmo Deus de nossa fé. Como coloca o Papa João Paulo II no começo da Encíclica Fides et Ratio: “A Fé a Razão constituem como que duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. A liberdade humana como capacidade de autodeterminar-se segundo a verdade, não entra, portanto, em contradição com a fé, pois aderir livremente à verdade revelada significa fazer um uso autêntico da liberdade.

Principais Tópicos a serem abordados:

- Desejo de Deus no coração do homem;
- Relativismo atual e a pluralidade religiosa;
- Revelação como elemento central da tradição judaico-cristã;
- Revelação cristã: Tradição e Sagrada Escritura;
- Obediência da fé e liberdade do homem.

Bibliografia:

- CIC 26-184
- Compêndio do CIC - 1-32
- Fé Explicada - pg. 7 - 19
- Constituição Dogmática Dei Verbum, sobre a Revelação Divina.

Leituras Complementares da Aula 01

1 - Creio em Deus

Trecho do livro 'O Credo' de Ronald Knox, Editora Quadrante.

Quando Adão e Eva pecaram pela primeira vez, no Paraíso, fugiram instintivamente da presença do Criador. Não é fácil, e aliás não julgo que tenha demasiada importância, determinar até que ponto devemos tomar totalmente à letra os pormenores desse episódio ou até que ponto podemos entendê-los como uma mera descrição poética do que aconteceu.

Mas o que sabemos é que Adão e Eva ouviram a voz de Deus que passeava pelo jardim do Éden na brisa da tarde, e tiveram medo. Por isso, esconderam-se entre as árvores. Se, por um lado, nos parece difícil saber até que ponto devemos tomar à letra os pormenores desse relato, nem por hipótese podemos duvidar de que o episódio em si tenha sido verídico. Porque a história da queda dos nossos primeiros pais é uma história que nós próprios vivemos, não uma vez, mas muitas ao longo das nossas vidas. É um drama no qual nós próprios somos os atores, e a história repete-se.

Quando pecamos, o pensamento de Deus incomoda-nos e tentamos esquecê-lo. E a raça humana, que continua sempre a pecar, continua também a tentar esquecer Deus. O homem tenta fechar-se em si mesmo, esconder-se no bosque das coisas criadas, que lhe foram dadas por Deus para seu deleite; tenta convencer-se a si próprio de que Deus não existe. Mas, à medida que vai olhando através das longas alamedas arborizadas, vislumbra, no fim de cada alameda, sempre a mesma visão: a face de Deus. Não pode fugir de Deus, mesmo que o queira.

Aonde quero chegar? Ao seguinte: ainda que nenhuma revelação nos tivesse chegado através de Jesus Cristo, se quiséssemos ser sinceros conosco próprios, teríamos que admitir a existência de Deus, por mais indesejável que esse pensamento pudesse ser para nós. As criaturas que nos rodeiam, bem como a nossa própria vida neste mundo de criaturas, levam-nos ao conhecimento de que Deus existe. Basta tomarmos qualquer das nossas linhas habituais de pensamento, segui-la o mais longe possível, como num passeio pelos caminhos que cortam um bosque, para avistarmos no termo dela, ainda à distância.

É um hábito inveterado do homem perguntar: por quê? Muitos de nós fomos repreendidos na infância por repetirmos demasiadamente essa pergunta, e talvez tenhamos desistido de o fazer. Lembro-me de que, certa vez em que viajava de trem, ia também um moleque, que apontou para o relógio da estação de Banbury e perguntou: “Que horas são naquele relógio?” A mãe respondeu-lhe: “Faltam quinze para as duas”. Disse o rapazinho: “Por que é que faltam quinze para as duas?” Uma criança como essa virá a ser cientista e passará a vida inteira a perguntar: por quê?

Toda a nossa ciência provém do hábito humano de pesquisar a razão de tudo, da nossa crença enraizada de que todo e qualquer acontecimento tem que ter uma causa. E quando tivermos levado esse hábito às suas últimas conseqüências, tudo o que teremos conseguido será um encadeamento de causas, em que cada uma dependerá da seguinte. Por que é que você torceu o calcanhar? Porque fecharam o portão que dá para o jardim. E por que o fecharam? Para evitar que os porquinhos entrassem. E por que os porquinhos andavam à solta? Porque não havia alimento suficiente para eles no chiqueiro. E por que não havia alimento suficiente para eles? Porque alguns navios foram torpedeados no Atlântico. E por que os navios foram torpedeados no Atlântico? Porque estamos em guerra com a Alemanha. E por que estamos em guerra com a Alemanha (essa aula foi dada durante a Segunda Guerra Mundial)? E assim por diante.

A série de causas prolonga-se cada vez mais e nunca alcançamos o seu termo. Mas bem vemos que não pode ser de modo algum infinita. Porque uma série infinita de causas, as quais dependessem sempre de outras, não daria uma explicação cabal de nada. Em qualquer lado, no fim dessa cadeia, tem que existir uma primeira causa, que não seja causada por nada que tenha existido antes dela. E essa primeira causa é Deus. A sua face olha-nos, mesmo enquanto tentamos fugir dEle; e o seu olhar desce através dessa longa avenida de causalidades e recorda-nos que foi Ele quem nos fez, que nós não nos fizemos a nós próprios.

“Muito bem – afirmam os cientistas –, não falaremos de causas e efeitos, já que só nos levam a conclusões que causam aborrecimentos. Contentar-nos-emos com a observação da forma exterior das coisas, tal como se apresentam à nossa experiência: a maravilhosa ordem que existe na natureza e outras coisas mais”. Mas isso também não os deixará mais satisfeitos. A ordem só pode ser a expressão de um espírito.

Quem mais poderia ter dado à natureza essa ordem que descobrimos com os nossos instrumentos científicos? Se pegarmos uma lâmina de barbear e uma folha de relva, e as observarmos sob o foco de um potente microscópio, verificaremos que o gume da lâmina é tudo menos liso; é profundamente denteado e irregular, de tal modo que vocês nem podem compreender como é que os seus pais não se ferem todos os dias ao barbear-se, em vez de lhes acontecer isso só em algumas manhãs. Mas verificaremos também que a folha de relva é toda absolutamente lisa, sem um único recorte. Então quem fez isso? Nem vocês nem eu. Quanto mais tentarmos captar o modelo da natureza, mais seremos levados a concluir que ela é a expressão do trabalho de um espírito superior a qualquer espírito humano. E a esse espírito criador temos que chamar Deus.

Olhamos através de uma nova alameda da experiência, e continuamos ainda a ver a face divina, debruçando-se sobre nós por entre as árvores.

Esta é a história que lemos no mundo que nos rodeia. Se, em vez disso, nos virarmos agora para nós, seres humanos, e para o lugar que ocupamos no universo, acontecerá o mesmo. O homem interroga-se a si próprio: “Por que estou aqui? A vaca existe para me dar leite, o carneiro para me dar lã, as abelhas para me darem mel – e eu estou aqui para dar o quê e a quem?” Cada uma de vocês já se perguntou a si própria: “Qual é a minha razão de ser? Qual é o sentido da minha existência?” Talvez julguem que a resposta é fácil: “Ora, eu existo para fazer a minha mãe feliz. Ela sentir-se-ia totalmente desnorteada se me acontecesse algo de ruim”. De acordo, mas então por que é que ela existe? Não me respondam: “Existe para me fazer feliz”. Isso nos levaria a um círculo vicioso, como aquele jogo tolo, em que umas doze pessoas se sentam umas nos joelhos das outras, a número 2 no joelho da número 1 e assim sucessivamente. Então uma joga-se ao chão e caem todas. Creio que vocês conhecem o jogo, um jogo muito engraçado e sossegado para o dormitório... Ora, se alguma de vocês disser que a sua mãe existe para fazer o seu pai feliz, teremos então que perguntar para que é que o pai existe, e assim até o infinito. Ao fim e ao cabo, tem que existir Alguém para quem tudo existe, que é o fim de tudo, e esse Alguém tem que ser Deus. Mais uma vez a sua face nos olha através desta nova alameda.

Ou talvez o homem se pergunte a si mesmo qual é o verdadeiro sentido do bem e do mal. Que quero dizer quando afirmo: é meu dever fazer isto ou aquilo? Coisa que,

muitas vezes, não coincide com o que queremos fazer; geralmente, falamos de dever precisamente quando nos referimos a alguma coisa que não queremos fazer. O dever é uma palavra abstrata. E nós, que somos seres humanos, teremos a nossa conduta determinada por uma simples abstração? Ora, aquilo que não gostamos de fazer e que não coincide com a nossa vontade tem que ser a vontade de alguém acerca de nós; quem será então esse alguém? Numa longa sucessão, tem que existir Alguém cuja vontade seja a única coisa que importa a qualquer ser humano no mundo. E esse Alguém tem que ser Deus. Mais uma alameda, e a mesma face que continua a descer o seu olhar sobre nós. Não há possibilidade alguma de lhe fugirmos, seja para onde for que nos viremos.

Deus, como a primeira causa que está por detrás de todas as outras causas; Deus, como o Espírito que se exprime na perfeição da criação; Deus, como causa final ou último fim para o qual existe tudo quanto vive; Deus, como a vontade suprema que impõe deveres morais à humanidade: na verdade, sempre que tentarmos afastar-nos de Deus, vê-lo-emos assim, à distância, como um ser desagradável que está na base de tudo. Mas isso só acontecerá se tentarmos fugir dEle... Se, pelo contrário, procurarmos a Deus, se tentarmos encontrá-lo, então o processo será simplicíssimo e o encontraremos, não à distância, mas bem junto de nós. Será, não uma realidade desagradável, mas um Amigo agradável.

Somos feitos de matéria e espírito. O nosso corpo, aquilo que se move quando alguém esbarra conosco nas escadas, é matéria. A nossa alma, aquilo que em nós pensa, que em nós ama, é espírito. O que é que pertence a uma ordem superior – o nosso corpo ou a nossa alma? É evidente que é a nossa alma. Dá-nos uma vida mais rica do que a dos animais. Os nossos coelhos, por exemplo, não sabem multiplicar ou escrever como nós. O espírito é, pois, de uma ordem superior à da matéria; ordena-a, é a sua explicação. Mas o nosso espírito – mesmo o de um sábio – não ordena o universo, não é a explicação do universo. Tem que existir, portanto, um Espírito que regule o universo da matéria, e um Espírito não reduzido e limitado como o de vocês e o meu, e esse Espírito é Deus

Ainda que a nossa atenção esteja dirigida habitualmente para o exterior, para o mundo da matéria, para o alimento, para a luz do sol e para os aviões que voam lá por cima, voltemo-nos agora para o nosso interior, para a nossa própria alma. Aí está Deus. Está

presente na nossa alma tal como a luz do sol está presente no nosso corpo, só que muito mais intimamente. Como poderia ser de outro modo? O espírito não está limitado pelo espaço, e por isso não nos pode separar de Deus. Deus é ilimitado, e por isso está em toda a parte. Não podemos viver separados de Deus. A única coisa que nos separa dEle é o fato de não pensarmos suficientemente nEle, de não o amarmos como devíamos. Não devemos pensar nEle como um ser distante que está no fim de uma longa alameda. Ele está aqui

Não crer em Deus? Não há dúvida de que cremos. Senão, também não poderíamos crer em nós mesmos, não poderíamos chamar à nossa alma nossa. E, como regra, as pessoas que não crêem em Deus não crêem também em si próprias, não podem chamar à sua alma sua. E é assim que acabam acreditando num homem totalmente perecível ou em qualquer contra-senso desse gênero.

“Mas – poderíamos pôr agora o problema – se o fato da existência de Deus é tão evidente, por que há necessidade de crer nEle? A fé só é necessária quando temos que acreditar em alguma coisa que não podemos provar, e que aceitamos por confiarmos na pessoa que o diz”. Ora, é absolutamente verdade que a Igreja não quer que acreditemos em Deus unicamente porque Jesus Cristo no-lo revelou. E afirma-nos que temos de ser capazes de chegar por nós próprios a acreditar na existência de Deus. O que Jesus Cristo fez foi revelar-nos mais claramente o que é Deus: que é nosso Pai, por exemplo.

Entretanto, é importante termos sempre presente que cremos em Deus; não tanto por ser difícil crer que Ele existe, mas por ser difícil compreender que Ele existe. Sem dúvida alguma, os nossos espíritos tendem naturalmente a aproximar-se das criaturas e a afastar-se de Deus. Desde a primeira queda, o espírito humano é parecido com essas dobras dos cantos dos livros que, por mais que estejamos constantemente a alisá-las, quando de novo abrimos o livro já estão outra vez enroladas. Desde a primeira queda, fomos desviados para sempre do caminho certo, estamos constantemente a pensar nas criaturas, no nosso bem-estar, nos nossos projetos, nos nossos amigos, e os nossos espíritos só se voltam para Deus se por um ato deliberado lhes imprimirmos essa direção. E por isso vamos continuar a ter presente esse “Creio em Deus”, pois do contrário ser-nos-á totalmente impossível lembrar-nos de que Deus

está conosco. Já passou tanto tempo desde a última vez em que pensamos nele, e no entanto Ele continua aí, serenamente, apesar de saber que o esquecemos.

Não pode existir nada de mais animador do que a notícia de que Deus existe. Ele é quem endireita tudo, quem coloca tudo no seu lugar, quem equilibra a balança. O que importa já não sou eu, mas Deus. Ele, e não eu, é o centro do universo; importa a sua vontade, não a minha; a única coisa que importa é o que Ele pensa sobre as coisas, o que Ele pensa sobre as pessoas, não o que eu penso sobre elas; a sua glória, e não a minha, deve ser aquilo para que eu vivo. Daqui a cem anos, quando vocês e eu tivermos deixado de existir, continuará ainda a interessar se a raça humana é livre ou escrava, feliz ou miserável, unicamente porque nessa altura continuará a reinar um Deus no céu – então como agora.

Perdoem-me, pois não podem compreender tudo isto. Não por serem estúpidos, mas por serem jovens. Enquanto vocês são jovens, podem sempre encontrar companhia em si próprios, a não ser que sejam melancólicos. Quando à noite vocês vão-se deitar, e enquanto não conseguem adormecer, sentem-se completamente felizes pensando nos seus projetos, nas suas amizades e nas suas ambições; podem continuar deitados e divagar, contando a si próprios histórias sobre o que farão quando forem adultos, e com que tipo de pessoa casarão. Mas, quando tiverem cinquenta anos e portanto tiverem já convivido mais tempo consigo próprios, essa companhia deixará de lhes ser tão agradável e acabará mesmo por aborrecê-los. E isso origina uma terrível solidão na alma humana – a não ser que esta tenha aprendido, tenha procurado não esquecer e continue sempre acreditando que Deus existe.

Quando vocês tiverem cinquenta anos, terão começado a considerar-se como uma espécie de artigo de segunda categoria: os planos que traçaram para seguir este ou aquele caminho já não lhes hão de parecer tão relevantes; o juízo que fizeram acerca das pessoas e das coisas já não lhes há de importar tanto; e a configuração que a Europa terá dentro de cem anos é um problema que não lhes há de interessar muito. Nessa altura, crer que Deus existe significará que vocês têm alguma coisa, melhor, que têm Alguém a quem recorrer. “Creio em Deus”: se daqui a quarenta anos vocês mantiverem a fé que têm agora, darão graças a Deus – por Deus existir.

2 - “A Ditadura do Relativismo”

Trecho da homilia do Cardeal Ratzinger na Missa de Eleição do novo Papa, do dia 18 de Abril de 2005

“O primeiro é o caminho para a maturidade de Cristo – assim diz o texto italiano, simplificando um pouco. Segundo o texto grego, devemos mais precisamente falar da medida da plenitude de Cristo, à qual somos chamados a atingir para sermos realmente adultos na fé. Não devemos permanecer crianças na fé, em estado de menoridade. E em que é que consiste ser crianças na fé? Responde São Paulo: significa ser batidos pelas ondas e levados ao sabor de qualquer vento de doutrina... (Ef 4, 14). Uma descrição muito atual! Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi não raro agitada por estas ondas – lançada dum extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao ponto de chegar à libertinagem; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante.

Todos os dias nascem novas seitas e cumpre-se assim o que São Paulo disse sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a induzir ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é freqüentemente catalogado como fundamentalismo, ao passo que o relativismo, isto é, o deixar-se levar ao sabor de qualquer vento de doutrina, aparece como a única atitude à altura dos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio “eu” e os seus apetites.

Nós, pelo contrário, temos um outro critério: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É Ele a medida do verdadeiro humanismo. Não é “adulta” uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é antes uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo. É essa amizade que se abre a tudo aquilo que é bom e que nos dá o critério para discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre engano e verdade”

3 - A Transmissão da Revelação divina

Trecho da Constituição Dogmática Dei Verbum, sobre a Revelação Divina

“CAPÍTULO II - A TRANSMISSÃO DA REVELAÇÃO DIVINA

Os apóstolos e seus sucessores, transmissores do Evangelho

7. Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cfr. 2 Cor. 1,20; 3,16-4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente (1), comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação (2).

Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério». Portanto, esta sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-lo face a face tal qual Ele é (cfr. 1 Jo. 3,2).

A sagrada Tradição

8. E assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até à consumação dos tempos. Por isso, os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que observem as tradições que tinham aprendido quer por palavras quer por escrito (cfr. 2 Tess. 2,15), e a que lutem pela fé recebida uma vez para sempre (cfr. Jud. 3)(4). Ora, o que foi transmitido pelos Apóstolos, abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na

sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita.

Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo (5). Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc. 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.

Afirmações dos santos Padres testemunham a presença vivificadora desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante. Mediante a mesma Tradição, conhece a Igreja o cânon inteiro dos livros sagrados, e a própria Sagrada Escritura entende-se nela mais profundamente e torna-se incessantemente operante; e assim, Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo - por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo - introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cfr. Col. 3,16).

Relação entre a sagrada Tradição e a Sagrada Escritura

9. A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência (6).

Relação de uma e outra com a Igreja e com o Magistério eclesiástico

10. A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja; aderindo a este, todo o Povo santo persevera unido

aos seus pastores na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e na oração (cfr. Act. 2,42 gr.), de tal modo que, na conservação, atuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância dos pastores e dos fiéis (7).

Porém, o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição (8), foi confiado só ao magistério vivo da Igreja (9), cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado.

É claro, portanto, que a sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo desígnio de Deus, de tal maneira se unem e se associam que um sem os outros não se mantém, e todos juntos, cada um a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas.